

DISTRITOS INDUSTRIAIS MARSHALLIANOS NO NORDESTE: UMA PROPOSTA DE METODOLOGIA DE PESQUISA

.....

Lívio Andrade Wanderley

*Doutor em Administração de Empresas
pela Escola de Administração de Empre-
sas de São Paulo da Fundação Getúlio
Vargas - EAESP/FGV e professor do Cur-
so de Mestrado em Economia da Univer-
sidade Federal da Bahia - CME/UFBA*

Cristina Argiles Sanches

*Mestre em Economia pela Universidade
Federal da Bahia (UFBA) e Professora da
Faculdade Católica de Ciências Econômi-
cas da Bahia (FACCEBA)*

RESUMO:

.....

Versa sobre uma proposta de metodologia de pesquisa teórico-empírica, visando à sua aplicação nos distritos marshallianos existentes no Nordeste. Em seu aspecto teórico, incorpora a necessidade da reciprocidade das visões dedutivista e indutivista, bem como do ambiente disciplinar da economia através da complementaridade analítica em seu viés regional e organizacional. O enfoque regional apreende tanto a amplitude espacial do distrito, através das óticas a jusante e a montante, visando definir o grau de desregionalização industrial, quanto à caracterização da região segundo os indicadores de localização e de especialização; e o enfoque organizacional parte do conceito da "cadeia de valor", a fim de analisar a eficiência na ótica da produção (fornecedores e produtores) e da distribuição (distribuidores e consumidores). A ligação dos dois enfoques dá-se pela estrutura industrial, através da variável tecnologia, resultando em um estudo de competitividade de um tipo de indústria em forma de redes produtivas. O recorte empírico prende-se a uma ilustração de experiência nordestina conhecida como Sulanca, a qual se enquadra nos padrões teóricos de um distrito marshalliano, e se destaca como uma importante atividade local, pois reflete uma economia geradora de emprego e renda.

PALAVRAS-CHAVE:

Distritos Industriais; (Des) Regionalização; Cadeia de Valor; Tecnologia; Competitividade; Região Nordeste; Metodologia da Pesquisa; Metodologia da Pesquisa Teórica-Empírica; Distritos Marshallianos; Economia Regional; Eficiência; Produtividade; Franquia.

1. INTRODUÇÃO

.....

A proposição básica deste artigo trata da apresentação de uma proposta de metodologia de pesquisa teórica-empírica, que substancie um estudo sobre distritos marshallianos em seu viés regional e industrial. Diante da multiplicidade de campos de estudos na análise da economia, esta proposta se abstrai de posturas atomizadas do conhecimento e se articula, através de processos interativos e recíprocos, com áreas afins que participam da fundamentação econômica em termos de desenvolvimento. Para tanto, adota-se, como critério de delimitação na integração intradisciplinar da ciência econômica, as áreas de estudo da economia regional e da organização industrial.

A integração destas abordagens, relativas às questões regionais e industriais, situa-se no âmbito da atual realidade da economia, pois esta tem exigido a introdução de novas configurações produtivas, que condicionam o desenvolvimento industrial a nível global, e regional. Esta análise pode ser teorizada segundo três níveis (ALCOFORADO, 1995) e (WANDERLEY, 1996) micro, que trata da reestruturação da firma, gerando forças centrífugas, e implicando em um processo de desintegração vertical; meso que se apóia na especialização flexível, criando forças centrípetas e configurando, através de redes produtivas regionalizadas, os distritos industriais; e macro, através de novas formas de se repensar a ingerência pública, no âmbito da regionalização industrial. Assim, verifica-se que, para se pensar o desenvolvimento regional, é necessária uma nova dinâmica da firma, da indústria e da natureza das políticas econômicas, implicando na necessidade de se refletir sobre novas formas da organização da produção e da distribuição.

A inserção de uma realidade a partir deste trabalho objetiva um proposta de metodologia de pesquisa caracterizada como teórica-empírica, o que exige a compatibilização do exemplo empírico com a abstração teórico-conceitual. Assim, verifica-se a afinidade de distritos industriais no Nordeste com o modelo de indústrias localizadas de MARSHALL (1982), também conhecido como distritos marshallianos. Estes, em seu argumento teórico, caracterizam-se pela concentração de um grande número de pequenas empresas autônomas da mesma espécie, em uma mesma localidade, com grupos originariamente familiares de trabalhadores especializados exercendo apenas uma parte da

produção, envolvendo o resgate das aptidões locais com o aproveitamento de seus produtos, a geração de conhecimentos específicos, e com a utilização de inovações *low tech*.

Neste contexto, o desenvolvimento de uma região, sob a ótica de uma economia globalizada, exige uma definição de níveis de integração em relação à sua natureza – (des)regionalização e ao seu objeto – atividade produtiva. O primeiro caso envolve a ótica regional, através de algum processo que delimite o grau de (des)regionalização em relação a alguma atividade econômica local; e o segundo apreende a atividade industrial como hegemônica nas reconfigurações de processos produtivos, refletindo, assim, em mudanças a nível intra e inter, em termos de firmas e de indústrias. Para tanto, o viés regional induz à necessidade de definições de amplitudes espaciais, e o viés industrial emana uma maior eficiência na produção e na distribuição.

A composição deste artigo envolve, além desta introdução, uma seção definida como metodologia, exposta a seguir, que trata de um esforço teórico na formulação de uma proposta de estudo para se pensar os distritos marshallianos no Nordeste, como uma alternativa de desenvolvimento regional, respeitando as devidas proporções de cada realidade produtiva e distributiva local, e estágios de desregionalização de suas atividades econômicas. A seção seguinte visa compatibilizar esta metodologia com um exemplo empírico de distrito marshalliano localizado no Nordeste, denominado de Sulanca, uma experiência formada espontaneamente, ressaltando-se para a questão da eficiência organizacional e da formação de sistemas produtivos locais integrados ou não com o processo de globalização. Para efeito conclusivo, enfatiza-se uma reflexão metodológica com o intento de buscar alternativas para se pensar o desenvolvimento industrial e regional do Nordeste.

2. METODOLOGIA: ASPECTOS TEÓRICOS

.....

Esta é uma proposta metodológica de natureza teórica-empírica. Ela apóia-se, em seu aspecto teórico, em questões relativas ao estudo do método de investigação científica e ao seu universo de análise intradisciplinar na ciência econômica. E o recorte empírico prende-se a um modelo industrial à base de distrito marshalliano localizado no Nordeste,

tomando-se como referência o caso da Sulanca, o qual será tratado na próxima seção.

Abordar o tema metodologia é tratar do método de investigação da pesquisa, o qual, em sentido claro e prático, envolve a busca de um ou de vários caminhos -- sistemas de regras, formas de investigação, instrumentos de condução etc. -- pelo qual se procura atingir um fim. Verifica-se, portanto, a importância da escolha do método de investigação, pois se evidencia cientificamente a transparência das imagens e a consistência das descobertas da pesquisa, as quais são especificadas, em níveis de abrangência, através da especialização disciplinar.

Nesse contexto, esta proposta se ausenta de posturas relativas ao método exclusivista, na medida em que assume a necessidade de um *feed back* das visões dedutivistas e indutivistas, comungando, assim, com a necessidade de reciprocidade do aparelho teórico com os fatos empíricos, como bem coloca SIUSSUKÁLOV et al. (1989): "*Os fatos estabelecidos mediante experimentação são explicados de uma forma racional pela teoria; é também a teoria que revela as leis da sua existência e do seu desenvolvimento.*" Desta forma, esta formulação metodológica apóia-se, também, na crítica de KEYNES (1917) sobre a *falácia do método exclusivo* e a sua proposta de conciliação de ambos os métodos de pesquisa.

Quanto à análise intradisciplinar da economia, em seu contexto teórico, parte-se de dois enfoques complementares. Um é o da economia regional, para efeito de estudo do grau de desregionalização da economia local, definindo a amplitude regional, através da análise da demanda de insumos e de capital para a produção e da análise da demanda de seus produtos, bem como um estudo do padrão tecnológico quanto à estrutura organizacional a nível de produção local (regionalizada); além disto, deve-se estudar a caracterização regional da produção local, com o uso de alguns indicadores de localização e de especialização. E o outro é o da organização industrial, partindo do conceito de cadeia de valor, abordando tanto a produção quanto a distribuição, em termos de eficiência, fazendo um estudo dos elos de ligação da cadeia, enfocando a otimização e a questão tecnológica.

Em relação à questão regional, a absorção tecnológica, na ótica organizacional da indústria, provoca um processo de reconfiguração territorial associado com a natureza da estrutura industrial da região. Quanto à questão industrial, em se tratando de relações técnicas de produção e de distribuição,

ressalta-se a importância das tecnologias não-incorporadas*. Estas refletem-se, por exemplo, na ótica organizacional da produção, através de um modelo sistêmico baseado na especialização flexível**, implicando em novas formas nas relações de trabalho, de competitividade e de estrutura de mercado; e na ótica da distribuição, através de mecanismos inovativos que a tornem mais eficiente e eficaz. Desta forma, apreende-se que a concepção espacial sintoniza-se com as mudanças da estrutura industrial.

Estas duas abordagens podem ser melhor visualizadas na FIGURA 1, a seguir, onde ambas estão ligadas pela estrutura industrial, através da variável tecnologia, e tendo como resultado um estudo sobre a competitividade desse sistema de produção, que é organizado na forma de rede produtiva. Esta análise permitirá o delineamento de políticas de desenvolvimento tanto a nível de indústria quanto a nível regional, e aí está a importância de se trabalhar com as duas abordagens para tratar os distritos industriais marshallianos. Desta forma, a referida figura sintetiza a estrutura metodológica desta proposta de pesquisa.

Verifica-se, então, que as variáveis comuns aos dois enfoques são a *tecnologia* e a *competitividade*. A *tecnologia* é aqui trabalhada como sendo o conjunto ordenado, organizado e articulado de conhecimentos empregados na produção e comercialização de bens e serviços, conjunto este constituído não só por conhecimentos científicos provenientes das diversas ciências (naturais, sociais etc.), mas também por conhecimentos empíricos que resultam de observação, experiências, atitudes específicas, tradição oral ou escrita, entre outros (BARBIERI, 1990). É importante ressaltar que a tecnologia engloba elementos tangíveis, como equipamentos, dispositivos etc., e intangíveis, como conhecimentos codificáveis ou não, *know-how*, métodos, experiências incorporadas etc. Além disso, incorpora, ainda, um caráter de cumulatividade* e de apropriabilidade, sendo que a apropriabilidade privada

* Caracterizam-se pelo aumento de produtividade da mão-de-obra e da capacidade instalada, através de mudanças na gestão organizacional intra e interfirma, e nas bases institucionais, políticas e educacionais.

** O seu conceito prende-se a um enfoque *lato sensu*, fundamentado na especialização de uma dada produção e na integração de pequenas unidades produtivas, demonstrando flexibilidade através da minimização de estoques e da rapidez na entrega, significando uma inovação no processo produtivo.

* Decorre de que as capacitações atuais de uma firma têm origem em suas capacitações passadas, inclusive pelo processo de difusão e de aprendizado.

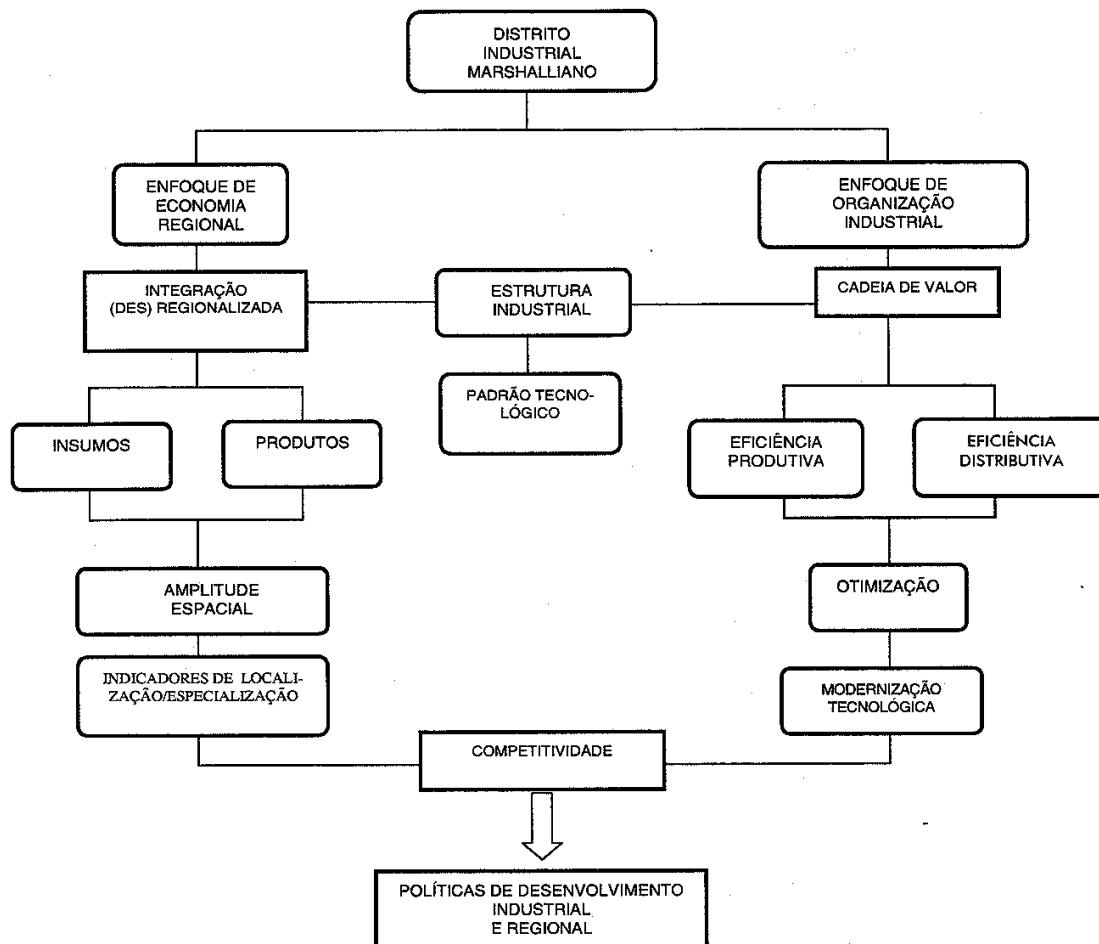


FIGURA 1 – ESQUEMA TEÓRICO – ANALÍTICO PARA DISTRITOS INDUSTRIAIS MARSHALLIANOS

conduz ao processo inovativo e surge da própria cumulatividade. Assim, o conhecimento tecnológico possui um caráter idiossincrático, dados os aspectos tácitos e específicos da tecnologia incorporados às pessoas e rotinas da firma, que não podem ser codificados ou transferidos. Desta forma, uma questão importante ligada à tecnologia é a automação, através da incorporação de dispositivos microeletrônicos e da maior difusão da informática. Isto possibilita a adaptação para a utilização em situações locais, de caráter específico, imitando equipamentos não disponíveis no mercado, desenvolvendo versões mais simples de produtos e serviços muito caros, e criando e desenvolvendo soluções originais.

Já a questão da *competitividade* envolve uma ampla discussão acerca do seu conceito. Para PORTER (1986), a essência da formulação de uma estratégia competitiva é relacionar a negociação

com fornecedores e compradores, além da ameaça de novos entrantes potenciais e de produtos ou serviços substitutos. Além disso, existem várias fontes geradoras de competitividade, dentre elas (ROSA, 1994) : P&D, recursos humanos, economias de escala e de escopo, diversificação da produção, qualidade do produto e da matéria-prima, verticalização e condições técnicas de produção. Neste contexto, a competitividade é aqui tratada como a capacidade de uma indústria (ou empresa) produzir mercadorias com padrões de qualidade específicos, requeridos por mercados determinados, utilizando recursos em níveis iguais ou inferiores aos que prevalecem em indústrias semelhantes no resto do mundo, durante um certo período de tempo. (ROSA, 1994).

Discutidas essas questões, vejamos, a seguir, como devem ser desenvolvidas as análises sobre cada um dos enfoques a serem trabalhados.

2.1. ENFOQUE DE ECONOMIA REGIONAL

Este enfoque envolve, nesta proposta de pesquisa, duas dimensões de análise. Uma se propõe a delimitar uma dada amplitude regional através das óticas a jusante e a montante da unidade industrial, partindo do conceito de integração regional em relação à sua natureza enquanto regionalização (intra-regionalidade) ou desregionalização (inter-regionalidade), fundamentando o objeto de integração na questão industrial. A outra dimensão prende-se a uma análise de dados e de indicadores de medidas de localização e de especialização, que viabiliza a apreensão das características regionais e industriais referentes ao distrito.

A análise deve ser realizada a partir da obtenção de informações primárias e/ou secundárias, de caráter quantitativo e qualitativo, sobre a origem espacial dos insumos produtivos (intermediários e insumos fixos), e sobre o destino espacial da produção, definindo, assim, a dimensão da desregionalização do distrito industrial. Quanto à esfera estritamente produtiva, as informações a ser obtidas devem envolver dados sobre a **tecnologia** utilizada, visando apreender o padrão tecnológico vigente. Além disto, indicadores econômicos e sociais devem ser calculados, através de dados de emprego e renda, de forma que permitam evidenciar a importância desta atividade a nível local.

Assim, a configuração da análise do enfoque de economia regional deste estudo pode ser visualizada na FIGURA 2, a seguir, onde se observa que a partir da identificação de um dado distrito industrial

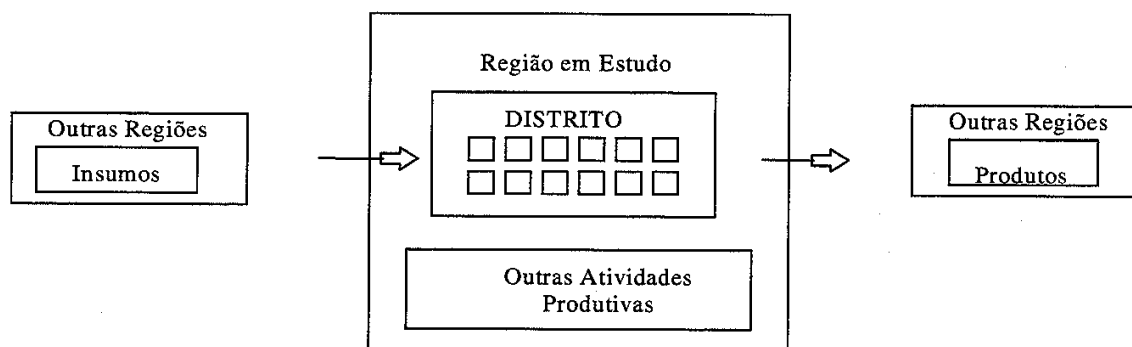


FIGURA 2 - O Distrito Industrial e a Estrutura de Análise Regional: (Des) Regionalização

2.1.1. Amplitude Regional

O enfoque regional tem a sua importância no estudo da natureza da integração regional quanto à sua (des)regionalização. Com isto, pode-se verificar, em termos de mercado, o grau de amplitude regional em que um dado distrito industrial está integrado, tanto pelo lado da demanda de insumos e de capital para a sua produção, quanto pelo lado da demanda de seus produtos. Além disto, a nível de produção local, pode-se caracterizar o padrão tecnológico quanto ao capital e à estrutura organizacional

considerado marshalliano, em uma dada localidade, apresenta-se a sua dinâmica através dos fluxos de insumo-produto relacionados com a integração inter-regional a jusante e a montante.

2.1.2. Caracterização Regional

Para efeito de caracterização regional, devem-se utilizar informações de dados primários e/ou secundários para a região sede do distrito industrial, bem como para um nível de amplitude regional superior ao desta região. Segundo os objetivos analíticos da pesquisa, deve-se escolher uma variável base que seja representativa para o estudo a que

* O aspecto organizacional refere-se às aglomerações das unidades de produção de pequena escala, em relação às quais deve-se

apreender a sua eficiência coletiva e a sua flexibilidade na integração da produção regionalizada.

se propõe; como ilustração, a variável base escolhida nesta exposição é o **emprego**, pois em sendo a variável espelho da renda, torna-se uma das mais importantes para este tipo de análise. Assim, com a obtenção dos dados e com definição da espacialidade em estudo, viabiliza-se a construção de uma matriz de informações entre indústrias e regiões, conforme mostra a FIGURA 3, a seguir, que relaciona a notação algébrica desta variável.

	Regiões: j	Σ_j

Indústrias: iE _{ij}	E _{it}

Σ_i	E _{tj}	E _{tt}

FIGURA 3 - Matriz de Informações

Especificando os elementos dessa matriz, temos:

E_{ij} = emprego na indústria i da região j;

E_{it} = emprego na indústria i de todas as regiões;

E_{tj} = emprego em todas as indústrias da região j;

E_{tt} = emprego em todas as indústrias e de todas as regiões;

i = indústrias por regiões (i = 1, ..., n); e

j = regiões (j = 1, ..., m).

Assim, a partir dessa matriz, deve-se fazer uma análise através de medidas de natureza setorial e regional, que correspondem, respectivamente, aos indicadores de localização e ao de especialização. O grupo de indicadores de localização mede a natureza das indústrias associadas com as suas localizações entre regiões, resultando na identificação do grau de inserção de uma dada indústria nas exportações inter-regionais (quociente locacional), de padrões de concentração ou dispersão espacial (coeficiente locacional), e de associação geográfica.

Quanto ao indicador de especialização, ele mede a natureza regional da estrutura industrial por região, visando apreender o grau de especialização e similaridade em relação à estrutura produtiva da amplitude regional em consideração*. Vejamos, a seguir, sempre tratando da variável emprego, a especificação teórica de cada um desses quatro indicadores citados.

* Excluíram-se os coeficientes de redistribuição e de reestruturação que comparam períodos distintos, devido ao fato de, no Nordeste, esses distritos marshallianos serem quase sempre informais.

• Quociente Locacional (QL)

Esse indicador compara a participação percentual do emprego em uma indústria particular de uma região, com a participação percentual do total de emprego da mesma região no total do emprego global à qual a região pertence. Assim, o quociente locacional da indústria i na região j é:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / E_{it}}{E_{tj} / E_{tt}}$$

Se $QL_{ij} > 1$: significa que a região é relativamente mais importante no âmbito global, em termos da indústria particular, do que em termos gerais de todas as indústrias. Isto indica que essa indústria é básica para a sua região e voltada para a exportação, viabilizando-se, então, um estudo sobre o seu impacto na economia local através do modelo da base econômica*.

Se $QL_{ij} < 1$: representa uma atividade industrial relevante para a economia local de sua região. Isto significa que esta indústria é não-básica e voltada para o mercado da própria região.

• Coeficiente Locacional (CL)

Esse indicador relaciona a distribuição percentual de emprego de uma indústria particular i entre as regiões, com a distribuição percentual do emprego total das indústrias entre as regiões em relação ao emprego global. Assim:

$$CL_i = \frac{\sum_j [| (E_{ij} / E_{it}) - (E_{tj} / E_{tt}) |]}{2}, (0 < CL_i < 1)$$

Se $CL_i \approx 1$: indica que a indústria apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de

* Trata-se de um modelo que apreende a importância, para a economia local, de suas atividades voltadas para as exportações inter-regionais, onde se deduz a função de estabilidade do modelo e o multiplicador de impacto.

todas as indústrias da amplitude regional analisada.

Se $CL_i \approx 0$: significa que a indústria tem um certo padrão de dispersão regional, pois se distribui regionalmente de forma similar ao conjunto de todas as indústrias da amplitude regional analisada

. Coeficiente de Associação Geográfica (CA)

Esse indicador compara as distribuições percentuais de emprego das indústrias i e k , entre as regiões. Assim:

$$CA_{ik} = \frac{\sum_j [|(E_{ij}/E_{it}) - (E_{kj}/E_{kt})|]}{2}, (0 < CA_{ik} < 1)$$

onde k = uma dada indústria.

Se $CA_{ik} \approx 1$: implica em ausência de associação geográfica, pois os fatores locais são bastante distintos entre as duas indústrias, o que significa uma distribuição dispersa entre as indústrias i e k .

Se $CA_{ik} \approx 0$: indica a presença de associação geográfica, pois a indústria i tem uma distribuição regional similar à da indústria k , significando uma aproximação dos fatores locais entre as duas indústrias.

. Coeficiente de Especialização (CE)

Esse indicador relativiza o emprego, em termos de estrutura de produção industrial, de uma dada região j , com a estrutura produtiva global. Assim:

$$CE_j = \frac{\sum_i [|(E_{ij}/E_j) - (E_{it}/E_t)|]}{2}, (0 < CE_j < 1)$$

Se $CE_j \approx 1$: significa que a região j está com elevado grau de especialização em atividades ligadas a uma dada indústria, ou que está com uma estrutura de emprego totalmente diversa da estrutura de emprego global, represen-

tando uma dada especialização produtiva na região, desvinculada da amplitude regional à qual pertence.

Se $CE_j \approx 0$: indica que a região j tem uma composição industrial similar à estrutura industrial da região global.

2.2. ENFOQUE DE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL

O enfoque de organização industrial parte, nesta metodologia, do conceito de **cadeia de valor** (PORTER, 1989). Esta cadeia incorpora as relações que vão desde os fornecedores até os consumidores, onde a cada etapa do processo é agregado valor. A sua visualização pode ser feita através da Figura 4, a seguir.

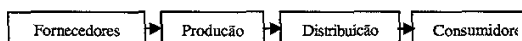


FIGURA 4 - Cadeia de Valor

A cadeia de valor é um sistema de atividades interdependentes, onde as atividades de valor estão relacionadas por meio de *elos*. Estes elos são relações entre o modo como uma atividade de valor é executada e o custo ou o desemprego de uma outra, e podem resultar, pela exploração de um fluxo de informações, em vantagem competitiva, através da otimização e da coordenação.

Assim, os sistemas de informação são normalmente vitais para a obtenção de vantagens competitivas a partir dos elos. Neste sentido, LUNDVALL (1988) pressupõe uma contínua troca de informações entre os agentes, o que exige uma comunicação eficiente entre eles, através dos canais de informação, que significam por onde a informação passa, e dos códigos de informação, que se referem à compreensão da mensagem.

Nesse contexto, o modo como as atividades do fornecedor e do canal de distribuição são executadas afeta o custo ou o desempenho das atividades de uma empresa (e vice-versa). Desta forma, os elos criam uma oportunidade para a redução do custo total das atividades ligadas, fornecendo um grande potencial de vantagem de custo, pois exigem uma coordenação ou uma otimização conjunta de atividades ao longo de linhas organizacionais.

Tomando como referência, portanto, este conceito de cadeia de valor, temos o conceito de **efici-**

ência, que é bastante discutido na literatura econômica. Segundo a Teoria Neoclássica da firma, sob a ótica da empresa privada, o conceito de *eficiência* traduz-se na otimização do valor presente dos fluxos de receitas menos custos, ao longo do tempo. Mas para STEINDL (1990) a eficiência deve ser diferenciada da lucratividade, e deve medir o grau de economia de uma empresa no uso dos fatores de produção.

Como eficiência é um conceito relativo, ela pode ser definida pela capacidade que uma entidade econômica tem de alcançar um objetivo pré-estabelecido, a partir de certas condições iniciais, e sujeita a determinadas restrições. Em economia, tem-se como condições iniciais uma dada limitação de recursos, uma dada condição tecnológica, um dado quadro institucional etc. Por outro lado, a nível empresarial, a função objetiva pode incluir lucro máximo, custo mínimo, estabilidade financeira etc.

Torna-se importante ressaltar que o grau de eficiência não depende apenas dos empresários, mas também de variáveis exógenas à firma, sendo fortemente dependente das limitações e possibilidades do ambiente externo. Este pode ser considerado em dois planos: infra-estrutura, como serviços de utilidade, transporte, educação, energia etc.; e relacionado à cadeia de valor, abrangendo desde fornecedores até consumidores. Assim, a ineficiência deve ser analisada também a nível do sistema econômico, e não apenas ao nível das unidades individuais. Supõe-se, portanto, que a cadeia de valor influencia o grau de eficiência de um dado setor, reforçando a importância do conceito de complexo industrial. Por exemplo, a má qualidade dos insumos e as práticas comerciais podem ser importantes fatores geradores de ineficiência nas empresas.

Dessa forma, este enfoque de organização industrial será desdobrado em dois eixos: o da **eficiência produtiva**, englobando os fornecedores e a produção, propriamente dita; e o da **eficiência distributiva**, tendo por base o sistema de comercialização das mercadorias produzidas no distrito. Vejamos, a seguir, como deve ser desenvolvido cada um deles.

2. 2. 1. Eficiência Produtiva

A fim de analisar a eficiência produtiva, que incorpora fornecedores e produtores, deve-se fazer uma pesquisa *in loco* com estes agentes. Sobre os fornecedores, devem ser levantados os principais

aspectos referentes às matérias-primas fornecidas, como a origem, as condições de armazenamento, a periodicidade de entrega, o transporte, a qualidade, entre outros. No que se refere à produção, especificamente, deve-se efetuar um estudo sobre o modelo de redes produtivas vigente no distrito, concentrando a análise na variável **tecnologia**. Para tanto, devem-se levantar informações quantitativas e qualitativas que forneçam subsídios a este tipo de análise.

Portanto, a pesquisa de campo deve permitir a construção de indicadores que demonstrem, de alguma forma, a eficiência por fabrico, como, por exemplo, custo por unidade, permitindo a comparação entre eles. Além disso, devem ser pesquisados dados de variáveis como emprego e renda, a fim de analisar a importância da indústria para a região, bem como informações sobre produção por horas trabalhadas, de forma que um indicador de produtividade possa ser calculado. Os dados devem também permitir a análise das condições produtivas, no que se refere, por exemplo, à infra-estrutura local, à qualificação da mão-de-obra, e principalmente à tecnologia utilizada.

Esta abordagem permitirá o delineamento de políticas direcionadas à eficiência produtiva do sistema. Por exemplo, algumas medidas indicadas podem ser a melhoria da produtividade das máquinas e equipamentos, otimizando processos, introduzindo inovações secundárias, e aprimorando os produtos resultantes, além da difusão do uso de dispositivos com base microeletrônica.

2.2.2. Eficiência Distributiva

No lado da distribuição, a comercialização internaliza os benefícios da produção. Essa comercialização pode se dar de várias maneiras, e a forma mais eficiente de fazê-la vai depender de uma análise do custo e benefício que cada uma gera. Consideremos, neste trabalho, a existência de cinco possibilidades de se fazer a distribuição do que é produzido por um distrito:

a) Comercialização direta

Ocorre quando o próprio produtor comercializa os seus produtos. É o caso, por exemplo, do comércio direto feito em feiras livres pelos próprios produtores, que passam uma parte do seu tempo produzindo as mercadorias e outra parte comerciali-

zando-as. Esta forma de distribuição parece ser ineficiente, pois o produtor deveria concentrar todo o seu tempo no próprio processo produtivo.

b) Agente

É um comerciante informal, desligado da produção, e que não faz apenas o papel de comprar e vender, mas faz uma intermediação, detectando tendências de mercado, para então articular com a produção e direcionar a venda desses pedidos. Esta forma de comercialização não traz grandes custos para o distrito, mas não consegue escoar toda a produção, portanto também parece ser ineficiente.

c) Distribuidor

É um intermediário formal entre o produtor e diversos pontos de venda das mercadorias, fazendo apenas o papel de comprar e vender o que é produzido. Esta forma de distribuição provavelmente também não consegue fazer o escoamento de toda a produção, pois o distribuidor não tem um compromisso de exclusividade em relação às mercadorias vendidas. Além disso, este modelo não é viável para os comerciantes de cada ponto de venda, pois eles assumem um compromisso formal com os produtores, mas têm que incorrer com a maior parte dos custos. Assim, esta forma de comercialização também parece ser ineficiente para os distritos.

d) Filial

Representa um ponto de venda do próprio produtor, ou seja, ele internaliza o ponto de venda ao seu processo, caracterizando uma integração total. Esta alternativa provavelmente conseguiria escoar toda a produção, mas não é viável para o produtor, pois todo o custo, referente à manutenção total dos pontos de venda, seria arcado por ele, e este custo pode ser maior que o benefício internalizado na produção. Desta forma, a adoção de filiais também parece ser ineficiente para distribuir os produtos.

e) Franquia

Representa uma integração parcial do ponto de venda ao processo do produtor, com um compromisso formal de exclusividade para a comercialização das mercadorias. Esta alternativa caracteriza um baixo custo para o produtor, pois o franqueado assume todos os custos do ponto de venda. Além disso, pelo seu caráter de exclusividade, as franquias potencialmente escoariam toda a produção, tendo em vista, também, as suas localizações estratégicas em diversas regiões. Desta forma, a adoção do *franchising* como uma rede de comerciali-

zação parece ser a forma mais eficiente para se fazer a distribuição do que é produzido nos distritos.

Apesar do argumento preliminar, tomado como posicionamento nesta proposta de pesquisa, de que o sistema de *franchising* seria a forma mais eficiente de formar uma rede de comercialização a ser adotada pelo distrito, todas as alternativas citadas, bem como outras possíveis, a depender das características específicas de cada distrito, devem ser analisadas, em termos do custo e benefício que geram, de forma que não causem ineficiência no sistema. O argumento deve se fundamentar, teoricamente, na redução dos custos de transação do processo de distribuição, que são os custos de manter o sistema em funcionamento com a sua complexidade organizacional e o oportunismo dos agentes (WILLIAMSON, 1985). Faz-se esta ressalva, portanto, segundo as especificidades da produção e da formação do próprio distrito, bem como das condições de comercialização vigentes, pois cada um pode apresentar resultados diferentes, divergindo, portanto, da solução aqui apontada preliminarmente.

3. O CASO DA SULANCA: UM EXEMPLO EMPÍRICO

.....

Esta seção visa fazer uma ilustração sobre uma experiência empírica que foi gerada de forma espontânea no Nordeste, através da formação de um distrito industrial fundamentado em redes produtivas. Este distrito é conhecido como Sulanca, e a sua inserção neste artigo objetiva enfatizar a natureza teórica-empírica desta proposta. Assim, constata-se o distrito têxtil da Sulanca como um modelo de indústria localizada de Marshall, caracterizando-se, portanto, como um distrito marshalliano.

A Sulanca se localiza em Santa Cruz do Capibaribe, na microrregião do Agreste de Pernambuco. O termo "Sulanca" surgiu da junção das palavras sul, referente à região Sul do País, com elanca, referente ao tecido elanca, pois as roupas elaboradas neste distrito eram feitas, inicialmente, com retalhos de elanca que vinham do Sul do País. Neste contexto, a partir de um sistema de produção familiar e flexível, formou-se uma rede produtiva na região, com alto grau de especialização em diferentes fases do processo produtivo. As costureiras, que inicialmente realizavam todas as etapas desse processo,

começaram a delegar certas tarefas a outras pessoas da região, e assim, com o aumento da produção, houve uma desintegração vertical a partir de um complexo têxtil de baixa concentração. Esta desintegração avançou no processo de especialização em várias de suas fases, como, por exemplo, no corte e overlocagem, na costura, na lavagem, dentre outras.

Assim, apreende-se que a formação espontânea e informal da Sulanca, baseando a sua produção em forma de rede regionalizada, integra parcialmente todos os atores envolvidos no processo produtivo. Consta-se, portanto, uma reformulação na unidade neoclássica, e a formação de um ambiente produtivo integrado e localizado em forma de distrito, configurando-se num modelo de especialização flexível, e caracterizando-se, portanto, numa análise mesoeconômica. Estas pequenas empresas, interligadas através de um modelo de rede, dependem da base local, tanto no que se refere à mão-de-obra quanto à infra-estrutura, sendo esta no âmbito da produção e no da distribuição.

Em sendo a Sulanca a atividade mais importante da região, absorve um grande contingente de mão-de-obra disponível, o que reflete uma economia geradora de emprego, proporcionando uma expansão na produção de mercadorias. Apesar de sua relevância para a economia local, todo o sistema ainda permanece informal, e é caracterizado, dadas as condições produtivas locais e a baixa qualidade dos insumos intermediários utilizados, por mercadorias comercializadas a um baixo custo, atendendo a uma demanda predominantemente de classe baixa, principalmente de várias outras sub-regiões do Nordeste. Desta forma, abre-se espaço para uma análise a nível macro, através da implementação de políticas públicas, de forma a delinear mecanismos, tanto a nível organizacional quanto regional, que estimulem uma produção mais competitiva, implicando em uma elevação da amplitude espacial desta atividade, além de medidas que reflitam, no campo social, em melhoria das condições da população local através do incremento no nível de emprego e da renda da região.

Além disso, com o processo de globalização e a conseqüente abertura de mercado no País, apresenta-se a concorrência de outros centros produtores. Por exemplo, os produtos chineses, que também são comercializados a um baixo custo, já chegaram à região, criando as condições para que o distrito da Sulanca entre em crise. Neste contexto, outros centros produtores também podem vir a afetar esta economia local, devendo-se, portanto, buscar um aumento de competitividade neste sis-

tema, através do delineamento de políticas de desenvolvimento industrial e regional eficazes.

No âmbito da metodologia proposta na seção anterior, esta pesquisa sobre a Sulanca deve envolver, de forma integrada, os enfoques regional e organizacional. No **enfoque de economia regional**, a análise que delimita a amplitude espacial parte da obtenção de informações *in loco*, através de questionários que devem ser aplicados em pesquisa de campo para a coleta de dados. As informações devem se referir, a nível espacial, à origem dos insumos produtivos e ao destino da produção, obtendo-se o grau de desregionalização da Sulanca. Além disto, deve-se apreender, a nível de produção local, o padrão tecnológico vigente quanto ao capital fixo, que define uma mudança na relação técnica do quadro produtivo, bem como em relação à mão-de-obra regional.

Quanto à análise da caracterização regional, parte-se da definição de uma dada amplitude regional, e através de dados primários e/ou secundários, viabiliza-se um estudo de indicadores de localização e de especialização. No âmbito de um estudo sobre a Sulanca, apresentam-se vários níveis de amplitude regional, para efeito de caracterização regional, ou seja: microrregião, que relaciona o Alto do Capibaribe ao município de Santa Cruz do Capibaribe; mesorregião, que relaciona o Agreste de Pernambuco à microrregião do Alto do Capibaribe; Estado de Pernambuco, que relaciona Pernambuco à mesorregião do Agreste de Pernambuco; Região Nordeste, que relaciona o Nordeste aos Estados; além de várias outras combinações destes níveis de amplitude regional.

Assim, dadas as características empíricas e teóricas em que a Sulanca se situa, e apesar dela ser identificada como uma estrutura local de produção, esta proposta metodológica viabiliza uma investigação sobre este modelo industrial, que funciona em sua base produtiva segundo uma rede regionalizada, visando apreender a existência potencial para que esta rede se torne também desregionalizada. Assim, algumas implicações se apresentam na aplicação desta proposta, pois buscam-se resultados que permitam avaliar se esta atividade, a nível local, esgota-se em si mesma ou induz a uma expansão de mercado além de suas fronteiras. Se transcede suas fronteiras, questiona-se se isto ocorre de forma competitiva, e se esta for verdadeira, em que amplitude espacial ela se manifesta.

O **enfoque de organização industrial**, que se fundamenta no estudo da cadeia de valor, envolve

os atores dinâmicos da produção e distribuição que participam direta ou indiretamente da Sulanca, através das figuras do fornecedor, produtor, distribuidor e consumidor. Assim, o dinamismo desta cadeia passa pelo conceito de eficiência, que se desdobra em sua ótica produtiva, incorporando os fornecedores e a produção, e distributiva, baseada na forma de comercialização das mercadorias produzidas na Sulanca.

Para esta análise, exige-se uma pesquisa de campo que vise encontrar informações referentes aos atores e aos elos de ligação da cadeia, de forma que toda ela seja estudada. Através da FIGURA 5, por exemplo, pode-se visualizar a configuração da cadeia de valor atual da Sulanca, destacando uma relação direta entre a produção e a distribuição. Assim, as esferas produtiva e distributiva se cruzam, gerando problemas de ineficiência.

Desta forma, o aumento da eficiência produtiva e distributiva na Sulanca está ligada, em primeiro lugar, a uma descentralização da distribuição em relação à produção. Neste sentido, devem ser analisadas as vantagens e desvantagens das outras formas alternativas de distribuição. Por exemplo, a adoção do sistema de *franchising* como uma rede de comercialização poderá ser a mais eficiente para a Sulanca, pois a franquia se caracteriza por uma integração parcial do ponto de venda ao processo produtivo, e portanto implica em um baixo custo para o produtor, ao tempo em que pode garantir o escoamento de toda a produção, dada a localização estratégica de cada franqueado.

A viabilização desse processo se iniciaria com a marca "Sulanca" sendo registrada como de propriedade coletiva de todos os sulanqueiros, e os comerciantes de outras regiões, através de um contrato de exclusividade, seriam os franqueados. Al-

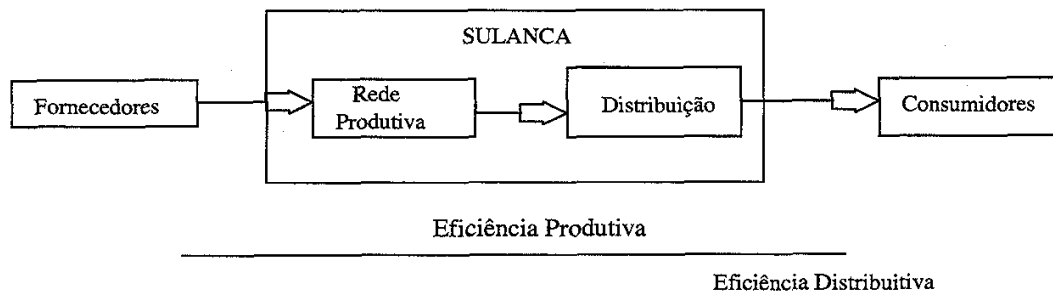


FIGURA 5 - Cadeia de Valor Atual da Sulanca

Isto pode ser explicado pelo fato da distribuição da maior parte das mercadorias ser feita por comercialização direta, em feiras livres, principalmente de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, pela maioria dos próprios produtores e por barraqueiros, que vão na Sulanca comprar para vender, e, em menor escala por agentes*. Com esta forma de distribuição, verifica-se que a maioria dos produtores passa uma parte da semana no fabrico e a outra parte comercializando os produtos. Assim, levanta-se a questão sobre a ineficiência desta forma de comercialização, levando também a uma ineficiência na produção, pois o produtor deveria concentrar todo o seu tempo no próprio processo produtivo. Isto implica na procura de outra estratégia para a distribuição das mercadorias, de forma a reduzir os custos de transação com o deslocamento, transporte, dias parados na produção etc.

* É importante ressaltar que essa distribuição já se estende para outros Estados nordestinos, a exemplo de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, através das conhecidas feiras da Sulanca.

ternativamente, a Sulanca poderia, ainda, ter vários franqueadores, formando uma cooperativa dona da franquia. O investimento para a implantação do *franchising* seria referente a uma rede de comunicação, composta, por exemplo, por *fax* ou computador, de forma que integrasse os franqueados a uma central na Sulanca, para a realização de pedidos e controle das mercadorias; e, além disso, a entrega poderia ser terceirizada.

Visto que a Sulanca pode vir a enfrentar uma forte crise pela concorrência de outros centros produtores, esse financiamento poderia ser feito por órgãos públicos. E a cobrança de uma taxa de franquia de cada franqueado que se integrasse à rede seria revertida para melhoramento próprio do sistema. O maior problema na operacionalização da implantação do sistema de *franchising* na Sulanca poderia ser o custo da formalização do setor, de forma a dar vida jurídica ao(s) franqueador(es).

Através da FIGURA 6, a seguir, pode-se visualizar a independência das atividades de produção e de distribuição, através da adoção do sistema de *franchising*, por exemplo, gerando uma maior eficiência tanto produtiva quanto distributiva.

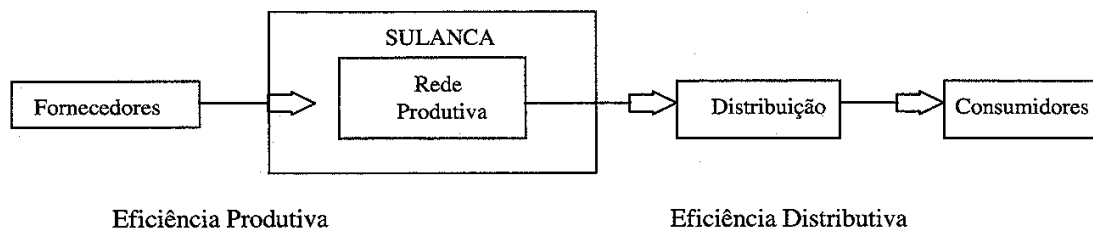


FIGURA 6 - Cadeia de Valor da Sulanca Desvinculando a Produção da Distribuição

A comparação desta figura com a FIGURA 5 mostra o enxugamento da estrutura organizacional produtiva, desvinculando a produção da distribuição. A proposta de outra alternativa de comercialização à vigente atualmente surge, portanto, como uma primeira providência para aumentar a eficiência produtiva e distributiva na Sulanca. Resolvido o problema da distribuição, segundo a absorção de tecnologias de comercialização, caracteriza-se, portanto, uma típica cadeia de valor. Deve-se, então, partir para analisar as questões relativas aos fornecedores e à própria produção, levando-se em consideração o padrão tecnológico vigente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

.....

O principal propósito deste artigo foi o de fornecer um instrumental metodológico, de caráter teórico-empírico, para o estudo de distritos industriais marshallianos no Nordeste. Um exemplo foi tratado, fazendo-se referência à Sulanca, um distrito têxtil localizado no Agreste de Pernambuco. Mas outros tipos de distritos, que não apenas têxteis, também podem ser analisados através desta metodologia.

Apesar das especificidades de cada distrito marshalliano a ser tratado, a metodologia aqui apresentada pode ser aplicada a todos eles, fazendo-se uma ressalva quanto à sua adaptabilidade, podendo ser flexibilizada em alguns pontos, quando necessário. Entretanto, de uma forma geral, esta metodologia atende ao objetivo ao qual se propõe, que é estudar a competitividade de um dado distrito, a

partir das abordagens de economia regional e de organização industrial, através do delineamento de políticas de desenvolvimento.

Estudar a região a partir da indústria, ou estudar a indústria a partir da região. Não importa a ordem,

pois o fundamental é que a aplicação dos dois enfoques, de forma complementar, permite o delineamento de políticas regionais e industriais de desenvolvimento, atacando o problema da competitividade de forma conjunta. Assim, a indústria não é estudada de forma isolada, e nem a região é tratada sem levar em consideração aspectos referentes à indústria que funciona como o seu pólo de desenvolvimento.

Assim, esta proposta de metodologia de pesquisa visa contribuir com a implementação de estudos sobre a região Nordeste, delimitada aos distritos considerados marshallianos. Torna-se, portanto, mais um instrumento de análise que se coloca à disposição da comunidade interessada em pensar o desenvolvimento do Nordeste, principalmente em face dos desafios que a região enfrenta e enfrentará no contexto dos processos de reestruturação produtiva associado à então globalização econômica.

ABSTRACT:

This paper deals with a proposal of theoretic and empirical research methodology applied to the marshallian industrial districts in the northeast of Brazil. In its theoretical aspects, this methodology incorporates the reciprocity necessity of deductivist and inductivist point of views, as well as the economic multidisciplinary environment, through the analytical complementarity in its regional and organizational bias. The regional approach contains the spacial range of industrial district ,

through the upstream and downstream opticals, as a means to define the degree of industrial "desregionalization", as well as the characterization of region in terms of localization and specialization indicators. On the other hand, the organizational approach starts from the concept of "value chain", as a means to analyse the efficiency from the production point of view (suppliers and producers) and also from the distribution point of view (dealers and consumers). The link between these two point of views is given by the industrial structure, through the technology variable, by which it leads to a competitive study of a kind of industry, in form of productive chains. The empirical analysis is conducted by an illustration from the northeast experiency, which is knowed by the denomination of "Sulanca". The Sulanca is framed in the theoretical pattern of marshallian industrial districts and it is distinguished as an importan local activity, since it reflects an economic activity which generates employment and income.

Key Words:

Industrial Districts; (Des)Regionalization; Value Chain; Technology; Competitivity; Brazil-Northeast Region; Research Methodology; Theoreticas and Empirical Research Methodology; Marshalliano Districts; Regional Economy; Efficiency; Productivity; Franchising

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALCOFORADO, Ihering Guedes. **Uma aproximação à Sulanca**: uma agenda de pesquisa. Salvador: UFBA, 1995. Mimeogr.
- AMARAL FILHO, Jair do. Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação de estratégias alternativas (à guerra fiscal). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 23, 1995., Salvador. Anais... Salvador: ANPEC, 1995.
- BARBIERI, José Carlos. **Produção e transferência de tecnologia**. São Paulo: Ática, 1990.
- CELESTE, José L. Especilização flexível: uma alternativa promissora para o desenvolvimento econômico de regiões subdesenvolvidas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 34-41, nov./dez. 1993.
- COLLETIS, Gabriel, WINTERHALTER, Felix. Considerações gerais sobre a territorialização da indústria alemã. **Ensaio Fundação de Economia e Estatística**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 76-93, 1993.
- DINIZ, Clélio C. Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração, nem contínua polarização. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 35-64, set. 1993.
- DOSI, G. The nature of the innovative process. In: DOSI, G. et al. **Technical chance and economic theory**. London: Pinter, 1988.
- GAROFOLI, Giocchino. O exemplo italiano **Ensaio Fundação de Economia e Estatística**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 49-75, 1993.
- GUIMARÃES NETO, L. **Introdução à formação econômica do Nordeste**: da articulação comercial à integração produtiva. Recife: Massangana, 1989. (Estudos e Pesquisas, 57).
- HADDAD, Paulo R. **Economia regional**: teorias e métodos de análise. Fortaleza: BNB, 1989.
- KEYNES, John Neville. **The scope and method of political economy**. New York: Kelley & Millman, 1917.
- LIMA, Policarpo. Economia do Nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 21, 1993, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: ANPEC, 1993.
- LUNDVALL, B. Innovation as an interactive process: from user-producer interaction to the national system of innovation. In: DOSI, G. et al. **Technical change and economic theory**. London : Pinter, 1988.
- MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas).
- NELSON, R., WINTER, S. **An evolutionary theory of economic chance**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- PECQUEUR, Bernard. Sistemas industriais lo-

- calizados. **Ensaio Fundação de Economia e Estatística**, Porto Alegre, v.14, n. 1, p. 26-48, 1993.
- PEROBELLI, Fernando S. **Transformação no padrão locacional Industrial: o caso de Santa Rita do Sapucaí**. Brasília: IPEA, 1996. (Texto para Discussão, 14)
- PORTER, Michael. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- _____. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- PROCHNIK, Victor. **Programas regionais para modernização e difusão de tecnologia em indústrias tradicionais**. UFRJ, 1989. (Texto para Discussão, 199).
- ROSA, Antônio Lisboa et al. **A indústria têxtil cearense: um estudo sobre competitividade**. Fortaleza: FIEC, 1994.
- SANCHES, Cristina Argiles. **A Dinâmica do franchising e a sua integração com shopping centers**. Salvador: UFBA, 1995. Dissertação (Mestrado) - CME/FCE, UFBA, 1995.
- _____. **Franchising e distritos Marshallianos: O caso da Sulanca**. In: COLÓQUIO SOBRE REDES PRODUTIVAS E NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 1, 1995, Salvador. Anais ... Salvador, 1995.
- SCHMITZ, Hubert. Pequenas empresas e especialização flexível em países menos desenvolvidos. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR, POLÍTICA INDUSTRIAL E TRABALHO: ALTERNATIVAS SUECA, ITALIANA E JAPONESA AO PARADIGMA FORDISTA - ELEMENTOS PARA UMA NOVA DISCUSSÃO SOBRE O CASO BRASILEIRO, 1991, São Paulo. Anais ... São Paulo: ABET, 1991, p. 151-187.
- SIUSSUKÁLOV et al. **Fundamentos metodológicos e métodos do estudo da filosofia**. Moscou: Progresso, 1986.
- STEINDL, Josef. **Pequeno e grande capital: problemas econômicos do tamanho das empresas**. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- WANDERLEY, Lívio A. A industrialização do Nordeste e (des)regionalização. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.27, n. 1, p. 13-35, 1996.
- _____. **Integração inter-regional da indústria e emprego no Nordeste**. São Paulo: FGV, 1994. Tese (Doutorado).
- WILLIAMSON, O. **The economics institutions of capitalism**. New York: The Free, 1985.

Recebido para publicação em 04.03.97.